

## O OPERÁRIO QUER ESTAR VIVO: UMA LEITURA INGOLDIANA PARA A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA NO SÉCULO XIX.

Ariel de Lima Vieira, Eliane Sebeika Rapchan (orientadora), e-mail:  
esrapchan@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá,  
PR.

### Antropologia/Arqueologia - Teoria antropológica

**Palavras-chave:** Trabalhador, produção, operário, antropologia

### Resumo:

A ideia desse projeto é propor uma nova leitura, a partir da ótica do antropólogo Tim Ingold (2015), para a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de Frederich Engels (2007), e com isso pensar novas formas de olhar a condição enquanto classe dos operários ingleses do século XIX, a partir dos conceitos de produção, história, *habitar* e linhas, discutido por Ingold em sua obra “Estar Vivo”. Preocupado com a superação da dicotomia natureza versus cultura, Ingold afirma que a vida não-humana também transforma a natureza, possui uma história e tem influencia direta no nosso fazer o mundo e fazermos a nós mesmos. Como observar com essa perspectiva, que transcende a oposição entre o que é social e o que é natural, a situação de trabalhadores ingleses de mais de um século e meio, que viviam uma experiência social jamais vista antes, devido à Revolução Industrial e as transformações capitalistas, é o que me proponho a desenvolver nesse presente texto.

### Introdução:

A partir das perspectivas que Engels (2007) se utiliza em seu livro, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, somadas à antropologia da vida que Ingold (2015) se propõe a desenvolver, é possível pensarmos um reaproveitamento não só teórico, mas também social e político, desse clássico da Sociologia, que analisa o capitalismo enquanto um movimento dinâmico e transformador.

O capitalismo, pós anos 1840, se desenvolve em direção a um processo maciço de industrialização na Europa. Isso, conseqüentemente, afeta a classe operária em sua luta. Multiplicam-se nessa época, livros e textos sobre a situação dos trabalhadores na Europa. Porém, existem alguns pontos que diferem o trabalho de Engels dos demais. Por exemplo, sua busca por compreender a classe operária como uma totalidade e, não restringir sua análise a indústrias específicas ou certos ramos da produção fabril; e principalmente, por sua obra não ser apenas uma investigação sobre

a situação da classe trabalhadora em um país específico, mas sim uma análise geral da evolução do capitalismo e suas consequências sociais, assim como a formação do movimento operário como agente político transformador.

Quem é essa classe social que nasce do capitalismo? Qual a condição de vida dessa classe? Quais atitudes essa classe tomou que estão relacionadas à suas condições materiais? Essas são questões centrais da obra e nos ajudarão a atingir o objetivo da pesquisa. Engels foi um dos primeiros pensadores a dizer que o proletariado não é apenas uma classe sofredora, mas sim, uma classe social nova, que possuía certas vantagens em relação aos trabalhadores feudais, que por sua vez não tinham possibilidade de mobilidade social, política e econômica. Segundo Engels, houve sim uma melhoria, apesar da vergonhosa condição humana em que essa classe se encontrava. Na verdade, é a própria condição vergonhosa do operariado que o conduz irresistivelmente a se organizar e marchar para frente, levando-o a buscar sua emancipação definitiva. Essa emancipação está diretamente relacionada aos modos de produção e a superação da alienação do trabalho, já que o trabalho é a expressão da própria vida. Na obra *A ideologia Alemã*, Marx, K & Engels, F. (2002, p. 86) afirmam: “Assim como os indivíduos expressam sua vida, assim eles o são. O que são portanto, coincide com sua produção”. Além de a produção e o trabalho terem um fim previamente determinado, para os autores, eles distinguem o homem dos demais seres, já que o processo de trabalho humano “termina na criação de algo que quando o processo começou já existia, em uma forma ideal” (MARX & ENGELS, 1930, p.170).

Mais de um século e meio depois da primeira publicação de *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, o antropólogo Tim Ingold (2015), recupera o debate sobre produção, tecendo uma crítica: Ele constata que o modelo criado por Marx e Engels, caracteriza apenas o modo humano do trabalho produtivo. Contudo, os próprios autores também enfocam a vontade intencional, ou intencionalidade, que é inerente à própria ação humana ao se produzir. Ingold diz que a produção “deve ser entendida intransitivamente, e não como uma relação transitiva de imagem com o objeto” (INGOLD, 2015 p.29). Então produzir segundo o autor, deve estar no grupo de muitos outros verbos intransitivos como esperar, crescer e habitar, e ser contrário a verbos transitivos como planejar, fazer e construir.

A partir dessa ideia da intencionalidade inerente à própria ação, e do olhar para a produção como algo intransitivo, Ingold (2015) afirma que não há qualquer motivo para restringir as fileiras dos produtores apenas aos seres humanos. Produtores tanto humanos quanto não-humanos, não só transformam o mundo, colocando seus projetos preconcebidos sobre a matéria bruta da natureza, quanto também fazem a sua parte na transformação de si mesmos em conjunto com a transformação do mundo. Esses seres vivos não-humanos contribuem não apenas para seu próprio crescimento e desenvolvimento, mas também contribuem para o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos. A vida social e humana

não é dividida em um plano em separado do resto da natureza, mas faz parte do que está acontecendo em todo mundo orgânico.

Segundo o autor, é possível recolocar a experiência da história dos seres humanos dentro das matrizes de desenvolvimento em evolução, nas quais todos os seres vivos estão imersos.

O que existe, não é uma História com h maiúsculo representando as sociedades, e uma história com h minúsculo representando a natureza, mas sim, uma história composta pela interação de diversos seres humanos e não-humanos em seu envolvimento e desenvolvimento mútuo.

No presente texto, seguirei a partir do conceito de produção proposto por Ingold, as linhas que traçam o modo de vida da classe trabalhadora, a partir da premissa de que o mundo que habitamos nunca está completo, mas supera-se continuamente.

### **Materiais e métodos:**

Esse trabalho tem caráter bibliográfico e surgiu a partir do levantamento teórico de obras a respeito da produção e do local do ser humano no mundo. As duas principais referências usadas foram *A Formação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, de Frederick Engels publicada em 1845; e *Estar vivo*, de Tim Ingold, lançada no ano de 2011. Esses dois autores foram selecionados para realizar tal comparação, visto a importância do conceito de produção e da necessidade de sua rediscussão. Posteriormente, suas obras foram fichadas e analisadas para o melhor desenvolvimento do projeto, a fim de traçar uma linha histórica e contextualizar a vivência do trabalhador no século XIX, utilizando um método comparativo, e trazendo a leitura de Engels para a atualidade.

### **Resultados e Discussão:**

A pesquisa apresenta duas visões que se complementam e mostram o fato de que a condição alienada do operário do século XIX, descrita por Engels, ainda não foi superada, trazendo à tona a necessidade de procurar autores contemporâneos que deem alternativas para o trabalhador se reconhecer como *ser*, permitindo que ele busque sua emancipação definitiva.

A crítica antropológica à dicotomia entre natureza e cultura provinda das obras de Tim Ingold, pode servir para as Ciências Sociais como um todo, olhar essa discussão tão importante através de uma nova lente, que possa envolver os demais seres vivos na história e na formação e construção do mundo, tendo em vista que ele está se superando e se formando a todo o momento.

Engels não abriu mão da ideia de que vivíamos o “novo” pós a era feudal e pós Revolução Industrial. Ingold, por outro lado, vê a mudança sempre acontecendo e critica a ideia de “etapismo”, presente no marxismo ortodoxo (como a inevitável transição do feudalismo para o capitalismo, viabilizando

uma sociedade socialista), como se as coisas seguissem sempre as mesmas etapas para chegar a outras.

### Conclusões:

Foi possível a partir da comparação teórica das duas obras, inserir a ideia trazida por Ingold de produção, história, *habitação* e linhas, para dentro do universo fabril. Os trabalhadores produzem as mercadorias, as mercadorias habitam a fábrica; a fábrica está conectada a linhas para além de seu espaço; as linhas para com os trabalhadores, sociedade, natureza e mercadorias ali inseridas. Ingold nos permite pensar a produção não como um processo estanque, mas como um movimento dinâmico de mercadorias e trabalhadores que habitam a fábrica. O trabalhador não quer ser uma coisa, não quer ser mais uma mercadoria, ele quer estar vivo, ele quer habitar, pois seu lugar no mundo, assim como as demais coisas, está em movimento e transformação. Assim como Ingold (2015) afirma, cada ser é uma linha de seu movimento.

Por fim, chegamos ao seguinte trajeto: os trabalhadores estabelecem seu caminho no mundo através daquilo que estão conectados pelas linhas, como a fábrica, as mercadorias e a cidade que vivem, assim eles transformam seu habitar no mundo. Seu habitar no mundo é sua vida histórica, baseado em suas ações, como lutas e greves. Sua forma histórica de vida é o seu modo de produção. E o que ele produz, assim como nos diz Marx, é alienado e tirado de si, desumanizando esse trabalhador.

Essa forma de olhar para a obra, pode trazer um novo ponto de partida para a análise da situação e das lutas das classes subalternas, não só do século XIX na Inglaterra, mas também nos dias atuais. Isso pode ser utilizado para a transformação de um paradigma científico, bem como para a transformação da realidade material em que estamos inseridos.

### Referências:

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe operária na Inglaterra** (1845). São Paulo: Boitempo, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo**, 1840-2011. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBBSAWM, E. 1991 [1964]. "Introdução". In: MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, K & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.